

A RELAÇÃO ESTABELECIDADA ENTRE TERRITÓRIO QUILOMBOLA E TURISMO – estudo de caso da Comunidade do Sítio Histórico de Alto dos Bois em Angelândia/MG

Karla Trigueiro¹
Gabriela Carneiro Reis²

Resumo

O presente artigo relata a relação estabelecida entre o território quilombola e o turismo, por meio da percepção dos pesquisadores³ em visita de campo ao Sítio Histórico de Altos dos Bois, no município de Angelândia, situada no Vale do Jequitinhonha, no estado de Minas Gerais. Destacam-se os aspectos histórico-culturais locais e o potencial turístico da região, relacionado aos atrativos naturais e históricos visitados. Observa-se ainda que já vem sendo desenvolvida atividade turística insipiente na região do entorno da Fazenda Alto dos Bois, e que os moradores do local tem interesse em melhor desenvolver essa atividade, tendo em vista o desenvolvimento econômico local.

Palavras-chave: Território, Turismo, Quilombolas.

Introdução

A partir de percepções feitas em um trabalho de campo de uma das disciplina da pós-graduação em geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais - IGC/UFMG, no município de Angelândia-MG, hábitos e costumes específicos da comunidade autodeclarada quilombola Altos dos Bois; situada no Vale do Jequitinhonha, no estado de Minas Gerais; foram observados e analisados, principalmente em relação aos aspectos histórico-culturais locais e ao potencial turístico desse território, dando ênfase aos atrativos naturais e históricos visitados. Os dados qualitativos coletados por meio de pesquisa, que serão apresentados nesse artigo, foram obtidos por meio de entrevistas em profundidade à um grupo específico, relatos da história oral dos moradores, além de levantamento bibliográfico e documental, que subsidia o contexto histórico e cultural do local.

¹ Doutoranda do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais - IGC/UFMG e Professora da Universidade Federal de Viçosa - UFV, e-mail ktrtur@yahoo.com.br.

² Mestre em Geografia pelo Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais – IGC/UFMG, e-mail gabireis@live.com

³ Atividade desenvolvida como pré-requisito para integralização da disciplina da pós-graduação, titulada “Geografia Cultural Avançada e Socioambientalismo”, ministrada pelo Professor José Antônio Souza de Deus.

O Território e suas Vivências

Nesse contexto, parte-se do pressuposto que, o território seja determinado fundamentalmente como sendo “um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (SOUZA, 1995, p.78). Assim, os grupos se fortalecem ao manterem uma unidade, ao ocuparem determinado território, e se expressarem por meio de seus hábitos e costumes. Essa comunidade resiste, buscando manter as tradições, vinculadas ao território em que está.

Em relação às vivências percebidas nesse território, observa-se que “cada sociedade produz seu(s) território(s) e territorialidade(s) a seu modo, em consonância com suas normas, regras, crenças, valores e experiências, envolvendo diversas acepções: natureza e sociedade; economia e política; cultura e identidades; controle e poder; apropriação funcional e simbólica” (DOURADO, 2015, p. 25).



Foto 1: Casarão da Fazenda Alto dos Bois, datado de 1729. . Autor: Trigueiro, 2014.

A comunidade de Alto dos Bois, que tem casarão histórico datado de 1729, foi oficialmente reconhecida como quilombola pela Fundação Palmares, em 2010, nos seguintes termos “Comunidade Afrodescendente Remanescente das Comunidades dos Quilombos”. Em 2014, reforçam-se a proteção a esse patrimônio por meio de relatório desenvolvido pela Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural de Minas Gerais, junto ao Ministério

Público de Minas Gerais – MPMG. Apesar das condições de reprodução sócio-territorial, é possível identificar elementos que se remetem a questão quilombola, entretanto percebe-se que os mesmos se tornam cada vez mais limitados. A família que reside na fazenda optou por resistir e lutar pelas terras em que vivem. Considera-se que através da auto declaração como quilombola, a comunidade de Alto dos Bois não só reafirma o processo de pertencimento cultural e territorial como também identitário, em que a “utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos” (HALL apud RODRIGUES *et al*, 2013 p. 5).

Em relação à autenticidade das comunidades quilombolas, Anjos (2009) afirma que “não podemos perder de vista que nem todos os territórios quilombolas existentes no País, [...], são remanescentes dos antigos quilombos e os que porventura forem, muitas vezes não terão como provar sua historicidade”, sendo preciso considerar que os elementos culturais foram resignificados, em práticas e na linguagem habitual. Observa-se que, muitos dos costumes tradicionais já se perderam, entretanto outros são mantidos, adaptados a modernidade atual, sendo composto também por um sincretismo religioso, que foi imposto aos negros, identificado e percebido na valorização e prática religiosa mantida pelos mesmos.

A visita à Fazenda Alto dos Bois e os potenciais atrativos turísticos percebidos

Uma vez que a Fazenda Alto dos Bois esta inserida no Vale do Jequitinhonha, e que passa por transformações a partir do contexto de reconhecimento recente, enquanto comunidade afrodescendente, faz-se pertinente afirmar que

“O Jequitinhonha é “um vale de muitas culturas” onde segmentos sociais particulares exercem crescente protagonismo político, etc., a exemplo das comunidades afrodescendentes que hoje vão progressivamente se reterritorializando e se assumindo (ou se resignificando) como populações tradicionais e núcleos quilombolas. Vale ressaltar que estes agentes vão forjando nesse processo *novas territorialidades*, e vão também, permanentemente requalificando a dinâmica social regional” (SOARES, 2000, p. 17).

Especificamente se tratando da Fazenda Alto dos Bois, Batista e Paula (2014, p. 12) acrescentam que

“As paisagens que configuram o patrimônio cultural da Fazenda Alto dos Bois, não se restringem àquelas contidas dentro dos limites da propriedade, pois a sua relação com as comunidades adjacentes permanece até hoje. A importância cultural da fazenda pode ser verificada na fala e atitudes de membros de comunidades rurais próximas (como Santo Antônio dos Moreiras)”.

Em visita à Fazenda Alto dos Bois observa-se que a questão histórica, junto aos atrativos naturais, faz com que o local tenha atrativos potenciais de grande relevância para o desenvolvimento da atividade turística. Sabe-se que em 1997, iniciaram-se trabalhos para a criação do Parque Ecológico e Cultural do Alto dos Bois.

Ocorreram também iniciativas com intuito de transformar o sítio em Reserva Ecológica e Patrimônio Cultural, como exemplo, em 1999, a Prefeitura vinculou-se à AMAJE – Associação dos Municípios do Alto Jequitinhonha e concebeu o Conselho Municipal do Patrimônio Cultural. Tal parceria procura também desenvolver um programa de turismo (RODRIGUES e DEUS, 2012).

Hoje, a Fazenda encontra-se em fase de tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA) com uma atuação conjunta de prefeituras, estados e união (RODRIGUES e DEUS, 2012). Os córregos Fanadinho e Capão, em Alto dos Bois, possuem grutas e cachoeiras com água limpa e cristalina, e uma fauna e flora ainda protegidas. Esta região abrange os divisores de águas Jequitinhonha/Rio Doce/Mucuri. Estão localizadas também ali, as cabeceiras e nascentes do Rio Fanado. (PREFEITURA MUNICIPAL DE ANGELÂNDIA, p. 5). Todas essas ações podem ser observadas dentro de um processo de afirmação da identidade cultural.

Nessa visita podemos conhecer três atrativos naturais, dentro desse atrativo histórico-cultural maior, que seria a fazenda em si. São eles duas cachoeiras e a gruta “Toca do Índio”. A primeira cachoeira situada bem próxima à sede da fazenda tem poucas intervenções e conta com uma estrutura montada ao lado, que serve de bar e/o restaurante, que atende os visitantes da região aos finais de semana. É cobrada taxa de entrada. Vários entrevistados da cidade de Angelândia-MG afirmaram conhecer e/ou já ter ouvido falar desse atrativo da região, muitos moradores locais tem esse local como lugar de lazer e entretenimento, entretanto sabem pouco sobre a questão histórico-cultural. O ato de o visitante desconhecer o contexto histórico-cultural local faz com que a maioria da população não valorize e não se envolva as questões de

valorização pleiteadas pelos responsáveis pelo local, não dando a importância devida à fazenda e nem a seus atributos; tanto naturais, quanto culturais, além de deixarem de valorizar também às pessoas que optaram por resistir em função de manter essa cultura.



Foto 02 - imagem da primeira cachoeira visitada. Autor: Trigueiro, 2014.

A partir das entrevistas e dos questionários aplicados *in loco*, podemos ter considerações sobre o que foi apreendido sobre os hábitos e costumes dos moradores locais, principalmente considerando que há uma autovalorização da questão quilombola, após a autodeclaração dos mesmos, uma vez que por meio desse reconhecimento chegam mais informações, recursos financeiros e facilidades em projetos e editais públicos.



Foto 03 - imagem da segunda cachoeira visitada. Autor: Trigueiro, 2014.

O segundo atrativo foi uma cachoeira menor situada há uns quinze minutos de caminhada da sede da Fazenda, repassado a filha da D. L.⁴. A proprietária fez interferências estruturais na cachoeira e em todo seu entorno, com madeira, tijolo, cimento, cano e mangueira. Observa-se que o fluxo de água é menor que o da primeira cachoeira. Ainda assim esse local é visitado para a prática de entretenimento e lazer dos familiares e amigos dos proprietários. O ideal em atrativos naturais seria a manutenção dos traçados originais do atrativo, com a mínima intervenção possível, somente com a finalidade de possibilitar o acesso dos visitantes do local, entretanto observa-se que em alguns casos há uma intervenção exagerada, que descaracteriza e impacta o atrativo natural, retirando a originalidade natural do patrimônio natural do local.



Figura 04 – Toca do Índio e acesso ao local. Autor: Trigueiro, 2014.

O terceiro atrativo chamado de gruta “Toca do Índio” está envolto por histórias e lembranças. O local é de difícil acesso, por ainda não estar estruturado para a visitação. O mateiro que nos levou, o próprio filho da D. L., Sr. E., conhecido como “Son”, contou-nos várias histórias, dizendo que o local pode ter servido realmente para abrigo de índios, que em outros momentos foi utilizado como refúgio, por jovens que não queriam servir ao exército e até lembranças de sua infância, quando visitava em segredo esse local com amigos. Fica há

⁴ Os nomes dos entrevistados não foram expostos para preservar a identidade dos mesmos.

mais ou menos dois quilômetros da sede da fazenda, em uma caminhada em local acidentado. Ao chegarmos à gruta nos deparamos com pichações, forma de deixar registro de que se esteve nesse local. Local no mínimo interessante que precisa ser estudado para então, a partir da estruturação do acesso, ser visitado. A paisagem do entorno é recompensadora e permeada por vários córregos frondosos.

Analisando o potencial turístico da região

Segundo Nogueira, Knauer, Henriques e Nogueira (2007), o Jequitinhonha se apresenta como sendo uma região de contrastes, possuindo rico patrimônio histórico e cultural, mas que por outro lado, se caracteriza por precárias condições de saúde, saneamento e educação (agravadas por impactos relacionados à disposição de rejeitos da mineração, resíduos sólidos urbanos, etc.). Nesse panorama complexo está inserida a Fazenda Alto dos Boi, como um “oásis no deserto”, por ainda estar se preservando, ainda que tenha recebido uma salvaguarda patrimonial recente e incompleta, com o reconhecimento de seu valor histórico-cultural.

Os tipos de turismo, turismo rural ou o agroturismo⁵, são apontamentos de possibilidades do desenvolvimento sustentável da atividade turística, nesse tipo de território, o meio rural. É perceptível por parte dos locais o anseio por reconhecimento, valorização e possibilidade de ganhos financeiros, por meio do desenvolvimento da atividade turística no local.

O Ministério do Turismo do Brasil aponta diretrizes para o desenvolvimento do turismo Rural no Brasil, enfatizando que o turismo rural fundamenta-se na relação estabelecida entre o turismo e o território, dando destaque aos recursos naturais e culturais de uma sociedade. A partir dos aspectos citados define o Turismo Rural como sendo “o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade”.

⁵ O agroturismo se distingue do turismo rural apenas por incluir a participação nas atividades agropastoris, como atividade principal, sendo o turismo em si, a atividade econômica secundária do local.

O desenvolvimento da atividade turística no meio rural surge como alternativa para aos proprietários rurais, que muitas vezes se deparam com crises na agricultura e pecuária, podendo se tornar também uma solução para os problemas financeiros das propriedades rurais, assim como para o resgate e a valorização da cultura e das tradições locais.

Nessa visita, em conversa com os proprietários da Fazenda Alto dos Bois, foi possível constatar que os mesmos também possuem casa na cidade, mas que preferem permanecer no local a maior parte do tempo. Afirmaram também que já fizeram produção de cachaça no local e plantio de alguns alimentos, mas que no momento não estão plantando e nem comercializando nenhum produto que tenha vínculo de produção local.

Quanto à possibilidade de desenvolvimento da atividade turística em Alto dos Bois, Batista e Paula (2014, p. 13) afirmam que a mesma “pode propiciar a contemplação de elementos da cultura, aliado aos seus aspectos culturais, devido à experiência que a atividade turística oferece, com o intuito de preservar sua integridade”. Sugerem ainda como alternativa o turismo de base comunitária, como forma de viabilizar a difusão de informações sobre os povos tradicionais, sua relação com a Natureza e com a sociedade envolvente.

Os territórios rurais se diferenciam dos territórios urbanos, principalmente pelo uso que se faz da terra voltados às práticas agrícolas e pela noção de ruralidade, ou seja, ao valor que a sociedade contemporânea atribui ao meio rural e que contempla as características mais gerais desse meio, respectivamente à produção, ao vínculo com a natureza e aos modos de vida rural, ou seja, a cultura local.

Considerações finais

Observa-se claramente uma expectativa, por parte da própria comunidade local, em relação a formatação e à estruturação turística do mesmo, o que seria a oferta turística local propriamente dita. Uma vez que a atividade turística de forma estruturada, causaria menor impacto e proporcionaria um resgate cultural e de identidade do local, devendo ser implementada respeitando as particularidades culturais, bem como a percepção e dimensão de crescimento esperada, por parte da comunidade local.

Conclui-se assim que já são feitas visitas frequentes, por moradores da região, ao local, dessa forma a atividade turística já movimenta economicamente, de forma incipiente, haja vista que é cobrada uma taxa para acesso ao local e bem como também há a comercialização de itens para alimentação e bebidas, porém essa atividade é feita sem a mínima infraestrutura necessária

ao desenvolvimento do turismo e sem o planejamento necessário ao bom desenvolvimento da atividade, que precisa ter uma oferta turística satisfatória para que se retro alimente com novos visitantes.

Pode-se também pensar em agregar valor a prática de atividade turísticas, em locais desse tipo, ao se desenvolver produtos, tais como artesanatos; uma vez que no Vale do Jequitinhonha produz-se rico e prestigiado artesanato (cerâmica, tecelagem, cestaria, esculturas em madeira, trabalhos em couro, bordados, etc.; que podem ser feitos com materias típicos do local e disponibilizá-los para a venda *in loco*, após a visita. Temos que, o proprietário agrega valor ao produto turístico rural e materializa a experiência vivida pelo turista, possibilitando que algo seja levado como lembrança dessa visita. Além dos artesanatos, os produtos e alimentos típicos da região, não industrializados, também podem ser disponibilizados para alimentação no local e/ou para comercialização, uma vez que são um diferencial local, pois só podem ser encontrados ali.

O potencial turístico do sítio histórico Alto dos Bois poderá ser conhecido a partir do estudo do inventário turístico detalhado, que precisa ser feito na região. Essa oferta turística, segundo Ignarra (2002), deve ser composta por atrativos turísticos, serviços turísticos, serviços públicos e uma infraestrutura básica de apoio ao turismo, ou seja, para que o “produto turístico” seja consumido, o turista necessita de transporte, hospedagem, alimentação, diversões, informações, comércio, serviços públicos e, sobretudo de segurança, dentre outros.

Referências Bibliográficas

ANJOS, R. S. V. *Quilombos: geografia africana, cartografia étnica, e territórios tradicionais*. Brasília: Mapas Editora & Consultoria, 2009.

BATISTA, S. D., PAULA, V. C. Estudo sobre as paisagens culturais das comunidades quilombolas Alto dos Bois e as possibilidades do desenvolvimento da atividade turística. *Revista de Turismo Contemporâneo – RTC*, Natal, V. 2, N. 2, p. 266-282, jul. /dez. 2014.

DOURADO, A. M. *Caminhos e encontros com o território*. In: VARGAS, Maria Augusta Mundim; DOURADO, Auceia Matos; SANTOS, Rodrigo Herles dos (Organizadores). *Práticas e vivências com a Geografia Cultural*. Aracaju: Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe – Edise, 2015, p. 25-66.

IGNARRA, L. R. *Fundamentos do Turismo*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

MINISTÉRIO DO TURISMO. Segmentação do Turismo: marcos conceituais. In: Programa de Regionalização do Turismo: roteiros do Brasil, 2010.

NOGUEIRA, M. D P; KNAUER, L. G.; HENRIQUES, M. S. & NOGUEIRA, A. B. *Lixo e Cidadania – Uma Experiência Inovadora no Médio Vale do Jequitinhonha/ Minas Gerais*. Belo Horizonte: UFMG/ Pró-Reitoria de Extensão, 2007, 128 p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ANGELÂNDIA. *Ficha de Informações Gerais de Angelândia/MG*. Secretaria Municipal de Cultura e Turismo / Setor de Patrimônio Cultural – Angelândia/MG. Página 1 de 41.

RODRIGUES, L. M.; DEUS, J. A. S. *Paisagens Culturais Emergentes no Vale do Jequitinhonha: Estudo de Caso do Sítio Histórico de Alto dos Bois - Angelândia/ MG sob as Óticas Etnogeográfica e Geohistórica*. Belo Horizonte: 2º Colóquio Ibero-americano Paisagem cultural, patrimônio e projeto, 2012.

RODRIGUES, L. M.; DEUS, J. A. S. ; BARBOSA, L. D. *Reafirmação da Identidade Étnica, Etnossustentabilidade e Reterritorialização Quilombola no Vale do Jequitinhonha: Estudo de Caso do Sítio Histórico de Alto dos Bois - Município de Angelândia- Minas Gerais/ Brasil, nas Perspectivas Etnogeográfica e Etno-Histórica*. Peru: Reencuentro de Saberes Territoriales Latinoamericanos, 2013.

RODRIGUES, L. M. e MINÉ, G. O. Associativismo quilombola: a luta pelos múltiplos usos do território. In: TUBALDINI, Maria A. dos Santos; GIANASI, Lussandra Martins(org); *Agricultura familiar, cultura camponesa e novas territorialidades no Vale do Jequitinhonha: Genero, Biodiversidade, Patrimônio Rural, Artesanato e Agroecologia*. Belo Horizonte: Ed. Fino Traço, 2012.

SOARES, G. C. Jequitinhonha: Um Vale de Muitas Culturas. *Cadernos de História*. Belo Horizonte, v.5, n.6, p. 17-22, jul.2000.

SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E; GOMES, P. C. C; CORRÊA, R.L. (orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p.77-116.